

# “FIZ PONTARIA E O

“FRONT” PARA O “DIARIO CARIOCA”

## BICHO ESTICOU”

**C**OM A FEB NA ITALIA — De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA — Encontro, com ferimento muito leve, o cabo Edmin Carlson, da artilharia, um rapaz de 23 anos que era marceneiro em Baurú. Manda saudades para sua tia, á rua Joaquim Carlos, 182, São Paulo, capital — e com a voz um pouco mais baixa, para alguém que se chama Diva. Manda dizer — e este recado é para toda gente, porque praticamente todos sentem assim — que aqui não há falta de nada e portanto a familia não deve se preocupar em mandar encomendas. O que faz falta aqui — reclama Carlson, reclama todo mundo — é carta, carta, mais carta, que todos escrevam mul-

to e que o correlo ande mais depressa.

Eu não escreveria o nome de Carlson aqui se ele não me autorizasse e se o seu ferimento não fosse realmente uma coisa sem qualquer importancia: dizer que ele está numa enfermaria na retaguarda, muito bem tratado e alimentado, deve ser melhor para a familia do que dizer que ele está na linha de frente.

O mesmo a respeito de Jose Benedito Cursino, um infante, filho de Taubaté, que manda abraços e pede aos irmãos que escrevam. Cursino está se restabelecendo de uma gripe. Ao seu lado um cabo conta histórias de encontros com alemães:

— Teve um que estava pertinho, e outro lá atrás gritou:

“Wilhelm!” Ele não se voltou. O outro gritou outra vez: “Wilhelm! Wilhelm!” Então o nosso capitão disse baixinho para mim: “vou liquidar esse Wilhelm.” E fez pontaria e o bicho esticou. Eles então abriram uma fuzilaria sobre o nosso P.C. gritando: “Heil Hitler” e vieram feio mesmo, porque viram que a gente já sabia que eles estavam ali. Saiu um fogo desgraçado de todo lado. Eu tive ordem para sair pelos fundos e ir ajudar uns homens que estavam ali perto, ao mesmo tempo levar um recado dizendo para onde eles deviam mandar mecha de morteiro. No caminho eu esplei e vi três alemães que estavam arrumando uma metralhadora para me atirar. Eu tinha uma granada de

fuzil, e como os alemães estavam muito pertinho atrás de uma moita resolvi mandar a bomba. Não matei ninguém, mas eles ficaram atrapalhados no meio da fumaça e eu consegui escapar. De outra vez nós estávamos...”

Mas o tagarela é chamado por alguém.

Esse hospital tem três equipas de cirurgiões, três clinicos e um psiquiatra. Converso com um dos médicos. Ele me diz que o hospital dispõe, em abundancia, de todos os recursos mais modernos que seria possível desejar. A direção do Hospital é americana. O pessoal brasileiro atende aos soldados brasileiros, mas também a outros soldados, quando é necessário.

— Não podemos nos queixar de nada. Todos aqui vivem com um conforto relativo, e para trabalhar isto é uma beleza. Medicamentos e material excelentes é á vontade.

Vejo, entre os médicos, um antigo deputado estadual do Espírito Santo: o dr. Azevedo Pio. E por dez minutos, em pé, na lama, entre duas barracas, ficamos os dois a comentar (ou vos garanto que numa linguagem que o DEIP do Espírito Santo nunca usaria) o governo do sr. Punaro Bley, ex-interventor.

— “O sr. não imagina — me

Numa coisa todos os doentes com quem conversei foram unanimes: elogiar o serviço médico, o tratamento e principalmente as enfermeiras.

“O senhor não imagina”. diz um deles — a paciência dessas mulheres. O senhor sabe como é doente. O sujeito ás vezes chega aqui nervoso, está toda hora pedindo uma coisa, reclamando outra. Elas fazem tudo o que podem e tratam todo mundo da melhor maneira. Eu já fui tratado por enfermeira americana. Não tenho nada a dizer, contra a moça americana que me tratou. Era muito carinhosa, muito boa mesmo. Mas a gente ser tratada por uma pessoa que sabe a lingua da gente, que tem o mesmo jeito da gente é outra coisa. É como se fosse uma pessoa da familia, a mãe ou a irmã. O senhor não imagina mesmo como foi bom mandar enfermeiras brasileiras.”

31. 1. 45